



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO**

**LAWINYA ASSIRIA AMORIM COSTA**

**UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS IMPOSTOS AS  
MULHERES QUE REFLETEM NOS ESPORTES**

**MACEIÓ - AL  
2020**

**LAWINYA ASSIRIA AMORIM COSTA**

**UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS IMPOSTOS AS  
MULHERES QUE REFLETEM NOS ESPORTES**

Trabalho de conclusão do curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do título de Bacharel em Educação Física Bacharelado.  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Bereoff.

**MACEIÓ - AL  
2020**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

C837p Costa, Lawinya Assiria Amorim.  
Uma perspectiva histórica dos estereótipos sociais impostos às mulheres que refletem na educação física e nos esportes / Lawinya Assiria Amorim Costa. – 2021.  
47 f.

Orientador: Paulo Sérgio Bereoff.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física: Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 26-29.  
Anexos: f. 30-47.

1. Estereótipo. 2. Gênero feminino. 3. Mulheres no esporte. I. Título.

CDU: 796

## FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR (A): LAWINYA ASSÍRIA AMORIM COSTA

### UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS IMPOSTOS AS MULHERES QUE REFLETEM NOS ESPORTES

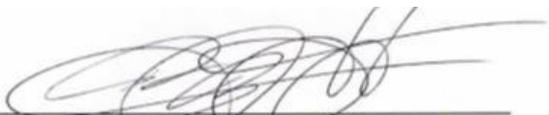
Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Alagoas como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física, em 14/12/2020.

**Banca Examinadora:**



---

Prof. Dr. Marco Antônio Chalita, IEFE, UFAL (Presidente)



---

Prof. Dr. Paulo Sérgio Bereoff, IEFE, UFAL (Orientador)



---

Prof. Dr. Eriberto José Lessa de Moura, IEFE, UFAL (Convidado)

Dedico este trabalho aquelas que me inspiraram e me inspiram todos os dias, as que fizeram história no esporte e as que continuam a escrever junto comigo. Aquelas que mostram que limites existem para serem ultrapassados. A vocês, mulheres atletas, que nunca desistem. Inacreditavelmente inabaláveis. Vocês são a luz da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Quando um caminho termina, outro começa. Nada é estático no universo, tudo se move sem parar e tudo se transforma sempre para melhor e este trabalho marca, com muito orgulho, o encerramento e o início de um ciclo muito importante nessa minha trajetória.

Grata ao grande arquiteto do universo por me permitir vivenciar todo o processo de graduação e me dar forças a continuar em busca desse sonho.

Aos meus pais, que sempre fizeram de tudo para que eu alcançasse meus sonhos e jamais desistisse. Que plantaram essa semente chamada esporte em mim e que me apoiaram na minha escolha, assertiva, de graduação. Obrigada pai e mãe, sem vocês eu jamais teria chegado até aqui.

Ao meu namorado, que desde o início da graduação esteve ao meu lado, sendo exemplo para mim na graduação, parceiro, colega de sala e um amigo querido, me apoiando nos dias mais difíceis dia após dia dentro da Universidade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Sérgio Bereoff, por ter lapidado a minha ideia de pesquisa, me orientando e despertando ainda mais o meu senso crítico. Com certeza um dos melhores professores que tive em minha graduação.

Aos meus amigos, por toda a força, apoio e incentivo, com certeza me ajudaram a tornar mais leve e divertido o caminhar até aqui.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram na minha formação acadêmica, em especial todo o corpo docente do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFE) da Universidade Federal de Alagoas.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo identificar quais os estereótipos sociais foram historicamente introjetados na Educação física e nos esportes para que estes assumissem papéis de instrumentos controladores e formadores do comportamento feminino. A seleção da amostra foi do tipo não-probabilística, por conveniência, sendo composta por mulheres participantes de diferentes modalidades esportivas de Maceió, com faixa etária entre 18 e 50 anos. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário semi-aberto contendo 17 questões de múltiplas escolhas e questões abertas, levantando os estereótipos e como são sentidos pelas mesmas. A análise histórica da inserção da mulher no esporte, juntamente com a nossa coleta, trouxeram reflexões e perspectiva diferentes, mas percebemos nitidamente a desigualdade de gênero no esporte e como os estereótipos conseguem dificultar o processo para uma participação mais igualitária. A inserção histórica da mulher nos esportes e na Educação física ocorreu com muita dificuldade e ainda existem resquícios desse passado que impedem que a mulher participe do cenário esportivo de forma plena, sendo necessários estudos recentes, como este, que busquem a compreensão dessa problemática.

**Palavras chaves:** Estereótipo de gênero. Esportes. Mulher.

## **ABSTRACT**

The present work aimed to identify which social stereotypes have historically been introjected in physical education and sports so that they assume the roles of controlling instruments and trainers of female behavior. The selection of the sample was of the non-probabilistic type, for convenience, being composed of women participating in different sports in Maceió, aged between 18 and 50 years. The instrument used for data collection was a semi-open questionnaire containing 17 questions of multiple choices and open questions, raising the stereotypes and how they are felt by them. The historical analysis of the insertion of women in sport, together with our collection, brought different reflections and perspectives, but we clearly perceive gender inequality in sport and how stereotypes can hinder the process for more equal participation. The historical insertion of women in sports and physical education occurs with great difficulty and there are still remnants of that past that prevent women from participating fully in the sports scenario, requiring recent studies, such as this one, that seek to understand this problem.

**Keywords:** Gender Stereotypes. Sports. Woman.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. CAPÍTULO 1 – INSERÇÃO HISTÓRICA DA MULHER NO ESPORTE .....	11
3. CAPÍTULO 2 – ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NO ESPORTE .....	13
4. METODOLOGIA .....	21
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
7. REFERÊNCIAS .....	26
8. ANEXOS.....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Certa vez, o casal Ana e Vitor decide ir para uma confraternização na casa de seu amigo Pedro. Chegando lá encontram Pedro e sua esposa, outro amigo chamado Raul e sua namorada. Todos estavam no sofá da sala, exceto a esposa de Pedro que tinha a incumbência de servi-los e de vez em quando sentava-se para conversar. Ana, que acabara de chegar, sentou-se a vontade para se sentar junto deles e, não tão diferente dos mesmos, puxa uma caneca para tomar cerveja. Chegada a hora de ir embora, a namorada de Raul se junta à esposa de Pedro que começara a limpar o espaço. Nada incomodava Ana, única mulher que bebia com os homens, até que seu marido Vitor lhe olha com repressão e diz que ela também deveria ajudar.

Nada contra o fato de ajudar em afazeres domésticos, mas por que a mulher? Por que somente ela tinha que ajudar? Por que somente ela deve largar sua caneca, se naquele recinto havia mais pessoas? Destarte, compreendo que a importância dada ao sexo ao desempenhar papéis sociais e até mesmo ações em tarefas simples marca culturalmente a sociedade, principalmente no que diz respeito à mulher. Sendo a ela atribuída toda a carga dos afazeres domésticos e cuidados com os filhos na maior parte do dia. E mais agravante é verificar que vivemos em uma sociedade onde isso tornou-se natural para as próprias mulheres.

Contudo, esse tipo de discriminação interfere em outros âmbitos ocupados pela mulher, como a área de atuação profissional. A discrepância com relação aos salários de homens e mulheres que ocupam os mesmos cargos chega a ser cômico, se o fim não fosse trágico. Segundo dados do IBGE as mulheres estudam mais, trabalham mais e ganham menos do que os homens, sendo o ganho em média 76,5% do rendimento dos homens.

Apesar da diferença salarial a mulher detém cerca de 2/3 do mercado de consumo. Nesse contexto, além de ser responsável por parte do orçamento familiar, a mulher ainda tem dinheiro para gastar com si. Assim, o mercado começa a enxergá-la como uma compradora em potencial, fazendo com que o marketing emocional e apelativo se volte para esse público. Principalmente empresas do ramo de cosméticos, roupas, produtos/serviços para casa e para os filhos, já que a mulher precisa ser uma exímia mãe, dona de casa e ainda manter uma aparência impecável, fazendo com que a mulher tenha um gasto maior e, conseqüentemente, poupe menos.

A UNESCO promoveu a primeira convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, que em seu artigo terceiro dizia:

Os Estados partes tomarão em todas as esferas e, em particular, nas esferas políticas, social, econômica e cultural, todas as medidas apropriadas, inclusive de caráter legislativo, para assegurar o pleno desenvolvimento e progresso da mulher, com o objetivo de garantir-lhe o exercício e gozo dos direitos humanos e liberdades fundamentais em igualdade de condições com o homem (UNESCO, 1998 .p.03).

Além da convenção da UNESCO, um importante documento é “Os doze direitos da mulher” estabelecido pela ONU, no qual desses direitos estabelecidos, podemos verificar, facilmente, que não se estabelecem de forma plena e se contradiz com a realidade: Direito à igualdade, de estar livre de todas as formas de discriminação, Direito à liberdade de pensamento, direito á informação, educação e direito as mesmas oportunidades para participar ativamente nos esportes e na educação física. (UNESCO, 1998)

É em meio a esse cenário que compreendemos a dimensão do problema, de algo tão enraizado que vem se perpetuando ao longo dos anos. Muitas das metas estabelecidas não alcançaram mudanças significativas. Após quarenta anos continuamos com o mesmo discurso, ou seja, a discriminação contra mulheres ainda existe em grande parte dos seguimentos da sociedade. Sendo um desses segmentos os esportes.

Numa sociedade em que as mulheres têm que se preocuparem com o que pensam sobre elas, com suas ações, com o que vestem e com os seus comportamentos, requisitos esses que desde a infância precisam estar dentro de padrões de feminilidade, o que podemos esperar da mulher desportista?

O principal aspecto citado dos discursos e das práticas corporais (educação física), ancorados nos ideais higienistas e eugênicos do início do século XX, educou o corpo da mulher conforme um modelo de feminilidade relacionado à saúde e à beleza e perduram na forma de estereótipos atribuídos a cada sexo (CAMARGO; WERLE; SARAIVA, 2010), como exemplo: o homem um ser forte, a mulher frágil, o homem racional, a mulher sentimental, o homem trabalhador, a mulher dona de casa e mãe .

A importância dada ao sexo, ao aparelho genital, na positividade e na divisão social é uma criação histórica e social, que modela os corpos em dois gêneros hierarquicamente distintos. No entanto, a fragilidade, a docilidade, a submissão, a vulnerabilidade, atribuídas as mulheres ideologicamente por uma cultura patriarcal, são atributos nada próximos daqueles exigidos no universo dos esportes, mas que são presentes nas práticas discursivas, que imprimem modelos históricos ás mulheres. (LESSA, 2005). Sendo nesse contexto que, historicamente, a mulher ocupa um lugar desfavorável dentro do esporte, pois o incentivo e a

participação da mesma sempre foi limitada, em todos os âmbitos sociais. No esporte, isso é facilmente visualizado em grandes competições.

O número de mulheres em competições esportivas vem crescendo a cada ano no país. Assim como podemos verificar na tabela abaixo, de acordo com os dados do Comitê Olímpico Brasileiro (2020), a evolução da participação feminina em Jogos Olímpicos ao longo dos anos:

**Quadro 1** – Participação das mulheres em Jogos Olímpicos

Delegação Brasileira			
Ano	Local	Participantes	Mulheres
1932	Los Angeles	85	1
1936	Berlim	95	6
1948	Londres	79	11
1952	Helsinque	108	5
1956	Melbourne	48	1
1960	Roma	82	1
1964	Tóquio	70	1
1968	México	83	3
1972	Munique	89	5
1976	Montreal	93	7
1980	Moscou	109	15
1984	Los Angeles	151	22
1988	Seul	174	35
1992	Barcelona	178	51
1996	Atlanta	225	66
2000	Sydney	206	94
2004	Atenas	247	122
2008	Pequim	277	132
2012	Londres	259	123
2016	Rio	465	209

Nos Jogos Olímpicos de Sidney (2000), elas já representaram mais de 40% da delegação de atletas brasileiros. No entanto, apesar do crescente número de mulheres participando do esporte de competição, vê-se claramente que estas ainda estão submetidas a diversos padrões e modelos de comportamento marcados por ranços seculares, sobretudo no que se refere aos estigmas relacionados ao corpo e à sexualidade das atletas (STURMER; DORFMAN, 2007).

Partindo da perspectiva histórica este estudo tem por objetivo verificar se as discriminações sociais, ocorridas com as mulheres nos esportes e na Educação física são

frutos dos diversos estereótipos sociais existentes na sociedade que podem ter sido introjetados na Educação física e nos esportes ao longo de sua história de implementação e estruturação em nossa sociedade.

Esta pesquisa básica, de natureza empírica descritiva voltada para a experimentação e observação detalhada dos fenômenos, buscando de forma lógica indutiva, analisar e interpretar os fatos e dados se desenvolverá inicialmente por meio de um levantamento bibliográfico, para identificar quais estereótipos sociais, ou seja, da mulher frágil, mulher mãe, sentimental, do lar, submissa, etc., foram historicamente introjetados nos esportes e ainda, com a aplicação de questionário semiaberto com mulheres esportistas, com faixa etária entre 18 e 50 anos, buscaremos verificar quais destes estereótipos (mulher doce, frágil, submissa, doméstica) ainda se mantem nos dias atuais no imaginário das próprias praticantes e de seus interlocutores nos esportes, e se há uma percepção de que eles interferem em suas realizações esportivas funcionando como instrumentos controladores e formadores do comportamento feminino que oprimem a liberdade feminina.

Identificando acontecimentos históricos que, de forma negativa contribuíram e ainda contribuem para a dificuldade de inserção da mulher no esporte, o estudo justifica-se pela existência de resquícios que impedem que a mulher participe do cenário esportivo de forma plena e também pela escassez de trabalhos recentes que busquem a compreensão dessa problemática.

## **2. CAPÍTULO 1 – INSERÇÃO HISTÓRICA DA MULHER NO ESPORTE**

O esporte, de acordo com Hillebrand et al (2008), um fenômeno surgido há milênios, mostrou que as mulheres sofreram limitações em seu direito à prática esportiva. Desde a antiguidade a mulher é considerada como “usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino” (RUBIO; SIMOES, 1999).

A raiz da discriminação às mulheres no esporte está presente desde a infância, como demonstra a Prof<sup>a</sup>. Soraia André (2004):

Desde o nascimento, a diferença entre os sexos é nítida, na porta do quarto na maternidade podemos saber se é menino (bola, camisa de time de futebol, pipa...) ou menina (boneca, ursinho, flores...). Na infância e adolescência, os meninos são estimulados a brincar na rua, jogar futebol e se defender; enquanto isso, as meninas, vão aprender a lavar louça, testar as primeiras receitas e fazer seu enxoval. De um modo geral é transmitida ou reforçada esse padrão motor sexualmente diferenciado: uma associação entre mulher e passividade motora e entre homem e atividade física (ANDRÉ, 2004, p. 71).

Na Antiguidade Grega, a lei de participação da mulher em esportes era tão rígida que “no regulamento dos jogos, artigo 5º, dizia que as mulheres casadas não podiam assistir as competições, com sanção de morte” (VALPORTO, 2006). Assim, de acordo com Rubio e Simões (1999), demonstrando uma hegemonia ideológica do esporte, enquanto instituição masculina, que invalida a experiência atlética como uma busca feminina digna.

Já nos jogos Olímpicos da modernidade seu idealizador, o Barão Pierre de Coubertin, considerava-os como local apropriado para representar a figura competitiva do homem, por relacioná-lo com as questões do uso da força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade (TUBINO, 2002). Que acabou por excluir a mulher dos jogos, permitindo sua participação apenas como expectadora.

Apesar dos esforços em manter as mulheres fora das competições, cabe registrar que, em 1896, houve uma competidora extra-oficial na maratona. Stamati Revithi, uma participante grega, cumpriu o trajeto de 42 quilômetros, sendo que a última volta aconteceu fora do estádio porque a entrada lhe foi proibida (GOELLNER, 2004). O feito extraordinário de sua atitude não teve reconhecimento internacional, mas provocou o início gradual do ingresso das mulheres nos jogos (OLIVEIRA *ET AL.*, 2008).

Segundo Tralci Filho e Rubio (2012) a percepção da condição desigual a qual as mulheres estavam submetidas e o seu conseqüente enfrentamento e questionamento estavam presentes já no princípio no esporte olímpico feminino europeu, sendo possível que tais mobilizações tenham contribuído na construção da identidade das atletas em certos países daquele continente.

Como corrobora Goellner (2004), a mulher vem pela primeira vez nos Jogos em 1900, mas sem caráter oficial. E um importante fato histórico: a primeira campeã Olímpica, a Charlotte Cooper (britânica) acaba por não receber medalha em função do título no tênis (GOELLNER, 2004), que não era contemplado com premiação (OLIVEIRA G, *et al.*, 2008). Nos Jogos de Estocolmo, 1912, os próprios homens suecos incluíram provas de natação feminina, porém não teve nenhuma atleta americana devido ao Comitê Olímpico Americano não permitir que participassem de modalidades que não usassem saias longas (OLIVEIRA *et al.*, 2008).

As modalidades vão aos poucos sendo liberadas pelo Comitê Olímpico Internacional, como exemplo o atletismo em 1928, porém segundo Gomes (2004) o número de provas era limitado a 100m, 800m e 400m com barreiras, mesmo assim, a prova de 800m teve vários

questionamentos, pois no evento, algumas atletas terminaram a prova extremamente fadgadas. A discussão incluiu vários testemunhos deturpados, que tinha o objetivo de excluir as mulheres do esporte, tendo como fundo um profundo sentimento machista (Oliveira G et al., 2008).

No Brasil, o Estado Novo tomou medidas normatizadoras da prática esportiva feminina, com o decreto-lei 3.199 de 1941, proibiu as mulheres à prática de esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”, sendo regulamentado pelo Conselho Nacional de Desporto (nº 7/65) proibindo a mulher da prática de lutas, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e beisebol (ANDRÉ, 2004).

Sobre esta proibição, Castellani (1991), no livro “Educação física no Brasil: a história que não se conta”, destaca que sua revogação ocorreu apenas em 1979 pelo Conselho Nacional dos Desportos, através da deliberação nº10, revogando a nº 7/65. Sendo importante frisar que só ocorreu devido ao episódio em que o diretor da Confederação Brasileira de Judô, Joaquim Mamed, trocou o nome de meninas por homens para assegurar que as mesmas conseguissem ir para um Sul-Americano na Argentina. Sendo descoberto pelo Conselho Nacional de desporto, foi intimado e compareceu com as meninas todas de kimono e medalha no peito.

Na resenha de Moraes (2009) onde analisou a exposição do Museu do futebol, inaugurado em São Paulo no ano de 2008, percebeu a ausência, quase que completa de informações acerca do futebol feminino, mesmo tendo duas atletas consideradas melhores jogadoras do mundo na modalidade, eleitas pela FIFA, também brasileiras, reconhecidas internacionalmente. Ou seja, o que se sugere é que “o futebol é mais um espaço dominado por homens e que as mulheres que ousaram se imiscuir nele, apenas saltam ou relampejam aleatoriamente” (MORAES, 2009).

### **3. CAPÍTULO 2 – ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NO ESPORTE**

Quando se estuda estereótipos é importante conceituar o que é sexo e gênero, segundo D'Amorim (1997) o termo sexo está ligado à composição cromossômica do indivíduo e ao tipo de aparelho reprodutor dela resultante, e o gênero como a soma dos aspectos psicológicos e comportamentais. Essa distinção, “torna menos provável a atribuição sistemática das diferenças encontradas entre mulheres e homens a fatores biológicos” (D'AMORIM, 1997).

De acordo com Steint e Libby (1986) conforme citado por D'Amorim (1997, p.121), o papel de gênero pode sofrer duas interpretações: com um enfoque tradicional procura

responder a seguinte pergunta: como o gênero do indivíduo define a série de papéis sociais que deverá exercer para merecer a aprovação do grupo? Já o segundo enfoque, “focaliza os inúmeros papéis sociais que podem ser exercidos por pessoas de ambos os sexos tal como o de trabalhador, cônjuge e genitor, procurando verificar até que ponto o gênero do indivíduo introduz diferenças no exercício destes papéis” (STEINT; LIBBY, 1986 apud D'AMORIM, 1997, p.122).

A Educação física, Santos (2017) afirma que, é um ambiente cercado por situações em que as questões relacionadas às disputas de gênero acabam definindo de que forma a Educação Física vai ser trabalhada na escola, identificando o que é próprio para cada sexo. Ainda segundo o autor, isso acaba por deixar lacunas na formação humana e contribui com os estigmas e ideias preconceituosas que segregam, oprimem e limitam a participação deles e delas na sociedade.

Nos esportes, cada vez mais a forma e o tamanho do corpo do atleta são tão importantes quanto seu desempenho esportivo, relacionados aos conceitos sociais sobre quais os tipos de corpos masculinos e femininos que nossa cultura valoriza ou despreza (HILLEBRAND *et al.*, 2008), o estigma social de que o esporte de alto rendimento provoca uma masculinização (“mulher macho”, “sapatão”) marginaliza a mulher atleta reforçando a desigualdade social, na qual os homens dominam e as mulheres são dominadas.

Um exemplo claro é visto na Resenha de Moraes (2009), citado no capítulo 1, onde é analisada a exposição do Museu do futebol e que acaba por mostrando-se ausente em informações acerca do futebol feminino. A autora constata que é na fragilidade feminina, revestida por uma suposta feminilidade, que há subserviência da mulher em relação a seu dono e senhor: o homem dominador, pretensiosamente senhor de tudo, do espaço público, e também do espaço dos esportes - onde *ele* procurou se impor como um semi-deus.

Segundo Rubio e Simões (1999), a hegemonia ideológica do esporte, enquanto instituição masculina invalidou a experiência atlética como uma busca feminina digna. A autora ainda afirma que enquanto instituição social representativa, onde significados sobre gênero são constantemente reproduzidos e contestados, o esporte de alto rendimento continua a contribuir para com a legitimação ideológica de heterossexualidade como um princípio organizador do esporte. Ou seja, uma criação cultural que se apresenta e reproduz por meio dos estereótipos conhecidos e aceitos socialmente.

Segundo o dicionário Caldas Aulete (2011), estereótipo é:

Compreensão muito generalizada, preconcebida e empobrecida de algo: Segundo certo estereótipo, o Brasil se resume a futebol e carnaval. **2** Ideia repetitiva, sem originalidade; *Lugar-comum*. **3** *Tip*. Chapa com reprodução de caracteres tipográficos obtida pelo processo de estereotipia (GEIGER, 2011, p. 157).

Os estereótipos femininos de gênero estão intimamente ligados aos papéis sociais impostos às mulheres em cada período histórico. É notório que muito desses estereótipos passaram de uma era para outra e naturalizaram-se, como por exemplo, o estereótipo da mulher um ser “frágil” e que precisa da proteção de um homem, vindo desde o período Antigo onde o declínio de civilizações consideradas matriarcais é associado ao aumento de conflitos territoriais, com isso os homens começaram a ofertar proteção guerreiras às mulheres, que eram predestinadas à gravidez (CHAGAS; CHAGAS, 2017).

A origem do esporte nesse período confunde-se com rituais religiosos e de caça (RUBIO; SIMÕES, 1999). De acordo Rubio e Simões (1999), com evidências nos registros em cavernas, já havia participação da mulher na caça quando era necessário para encurralar e abater a presa, no entanto, o envolvimento nessas atividades se por um lado garantiu a continuidade da participação feminina na prática da caça, também gerou proibição e recolhimento.

Na Grécia Antiga, berço das primeiras Olimpíadas, as mulheres sequer tinham acesso aos estádios onde se realizavam as competições masculinas, por serem consideradas um objeto decorativo e frágil (PERES, 2004). No entanto, a participação feminina nos Jogos Olímpicos, associava-se, porém, a uma questão básica para a época que era a cidadania (OLIVEIRA, 2008), de acordo com Tubino (2002) a cidadania estava basicamente relacionada com a função guerreira, não permitida às mulheres, sendo este o fator crucial para a não participação nos jogos, pois:

Impossibilitada de praticar a cidadania as mesmas eram proibidas de competir nos Jogos não por um julgamento que envolvia inadequação física para exercícios corporais, mas sim pelo caráter público desses concursos, direito esse concedido aos homens possuidores da condição de cidadão (RUBIO E SIMÕES, 1999, p. 5).

Assim, excluindo a mulher da vida pública e conseqüentemente do esporte, cabendo a ela apenas a função de ser mãe.

No período do domínio romano, o imperador Teodósio, O Grande, aboliu a prática pública das atividades físicas porque tais atividades poderiam ser consideradas como festas pagãs, o que culminou na extinção dos jogos em geral (PERES, 2004). De acordo com Peres

(2004), as mulheres participavam nesse período como dançarinas ou acrobatas com intuito de entretenimento, nada relacionado a esporte.

Após 1700 anos as mulheres continuam a serem exploradas como símbolos de entretenimento sexual para os homens. Segundo Vieira (2016) em diversos esportes as mulheres são utilizadas como objeto decorativo: no futebol contratam modelos para a entrega de troféus e medalhas nas finais de campeonato, nas lutas as famosas Rings Girl nos intervalos, no Futebol Americano as cheerleaders, na Formula 1 as Grid Girls. Ou seja, “existindo basicamente para "embelezar" o ambiente, oferecendo um perfeito exemplo da função decorativa da mulher no mundo dos esportes” (VIEIRA, 2016).

Segundo Peres (2004), no período da Idade Média, as atividades físicas foram postas de lado, e só depois de muito tempo é que surgiram os “torneios” e as “justas”. O autor ainda afirma: “quanto à participação das mulheres nestes eventos, não temos conhecimento, mesmo se considerando apenas as atividades do ponto de vista físico e não esportivo” (PERES, 2004).

A mesma situação discriminatória da antiga Grécia para com as mulheres pode ser observada ainda após milhares de anos na sociedade medieval e contemporânea, a qual ainda é extremamente patriarcal e machista, de acordo com Chagas e Chagas (2017), os homens ocupavam e ocupam uma posição social privilegiada de supremacia masculina, a posição destinada às mulheres era e ainda é de passividade e submissão. Segundo Albert (1975) isso surgiu naquela época devido a grande influência da igreja nas crenças e valores na população, já que a mulher era representada por Eva, um ser pecador, incapaz de resistir à tentação, sendo necessária submetê-la a tutela masculina.

Porém, nesse período ainda se via mulheres trabalhando, claro, dependendo de sua classe social. Segundo Souza (2004) as mulheres trabalhavam fora de casa em diversas atividades, ajudando aos homens no sustento de suas famílias. Sendo assim, “tanto na agricultura quanto nas cidades – guildas, confrarias, corporações, companhias e comunas – a mulher estava presente” (SOUZA, 2004).

Quanto a educação na Idade média, a mulher tinha a possibilidade de estudar, mas de acordo com Souza (2004):

Com exceção da Itália, nos demais países da Europa, as mulheres da Idade Média não tiveram acesso ao ensino universitário. Esta barreira contribuiu muito para impedir a sua ascensão social e, por outro lado, concorreu fortemente para mantê-las no exercício de atividades de menor importância e prestígio social. Só romperam estas barreiras aquelas mulheres ricas que

tinham condições financeiras de contratar professores que vinham ministrar aulas nas suas próprias casas. Mas, estas constituíram nobres exceções (SOUZA, 2004, p. 170).

Segundo Rubio e Simões (1999), o feudalismo e cruzadas marcam um período onde a mulher passou a desenvolver vários papéis, esperava-se que a nobre fosse educada e o sentido dessa educação não se limitava apenas ao ler e escrever. Ou seja, “por educação entendia-se a arte da caça com falcões, jogo de xadrez, contar histórias, responder questões com sagacidade, cantar e tocar vários instrumentos musicais e dançar” (RUBIO; SIMÕES, 1999). É importante frisar que a educação, trabalho e acesso a praticas corporais permitida as mulheres, estava intimamente ligada à classe social em que a mesma se encontrava.

Mesmo sendo um período difícil para as mulheres, a Era Medieval, ainda havia possibilidades para as mesmas, como um exemplo, a educação para a mulher nobre. Já na Idade Moderna, mais precisamente no século XVII, há uma ascensão do conservadorismo pelos burgueses, onde a mulher passa a ser subordinada pelo pai, irmão ou marido, perdendo seus “direitos” (RUBIO; SIMÕES, 1999) e passa a circular somente na esfera privada.

Então, somente no século XVIII e início do XIX a mulher começa a retomar o acesso aos esportes, quando cavalheiros ingleses passam a levar suas esposas a assistir alguns eventos esportivos (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). Nesse período com o desenvolvimento do sistema capitalista e a chegada da revolução industrial na Inglaterra, houve a exigência de aumento da mão de obra e, nessa ocasião, mulheres e crianças foram recrutadas para trabalhar nas indústrias (CHAGAS; CHAGAS, 2017). No entanto, mulheres assalariadas ganhavam menos que os homens e permaneciam dependentes do pai ou do esposo, fato que restringia sua autonomia pessoal e financeira (CAMPAGNOLI, 2003).

Em meio a isso nasce o movimento feminista, segundo Campgnoli *et al.* (2003) esse movimento iniciou na Europa com o objetivo de lutar contra a inferiorização feminina na sociedade e conquistar a igualdade de direitos políticos e sociais para as mulheres.

Ainda, como corrobora Campgnoli *et al.* (2003), o movimento:

Além de reivindicar igualdade de direitos políticos, trabalhistas e civis, passa também a questionar o “termo feminino” e a crença na inferioridade “natural da mulher” baseada em fatores biológicos. O conceito de gênero, começa a ser usado para explicar as diferenças culturalmente construídas entre homens e mulheres, refutando a justificativa de que essas diferenças são sempre biológicas e, portanto, “naturais. (CAMPAGNOLI *et al.*, 2003, p. 147).

Porém, “o auge de conquistas se deu no final de 1960 com a segunda onda” (CAMPAGNOLI *et al.*, 2003) que, de acordo com (2014) foram mobilizações feministas em

favor da emancipação feminina, como exemplo, a luta pelos direitos reprodutivos, pelo prazer feminino e por condições trabalhistas mais igualitárias.

Portanto a partir dos movimentos feministas e um interesse capitalista, este último possivelmente o motivo mais forte, as mulheres no final da Idade moderna começam, ainda que lentamente, o processo pela busca de seus direitos e espaço social, além de rainha do lar e mãe.

Porém nos esportes, o processo de inserção da mulher foi mais lento. Em 1896 houve a restauração dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, nessa primeira edição não houve a participação feminina, devido alguns de seus idealizadores serem defensores da não inclusão da mulher por achar que estas poderiam vulgarizar um ambiente cheio de honras e conquistas (GOELLNER, 2006). Entre os argumentos utilizados para a exclusão feminina encontramos a 'delicadeza' dos nervos e a constituição física menos favorecida, o que levava o esporte praticado por mulheres parecer indecente, feio e impróprio para sua resistência (RUBIO; SIMOES, 1999).

Além disso, poderiam desestabilizar a estrutura de um espaço social criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2005). Portanto, nessa primeira edição as mulheres foram permitidas apenas assistir.

Segundo Gomes (2004), em 1900 devido a uma falha da organização, as mulheres participaram (oficiosamente) pela primeira vez nos jogos, em desportos de exibição julgados como os mais adequados ao sexo feminino - golfe e tênis; e tiro com Arco em 1904 - pois não tinha contato físico e também por serem esportes esteticamente bonitos. No entanto a primeira participação oficial ocorreu em 1908, com a vela e patinagem artística (GOMES, 2004).

No Brasil, a inserção da mulher em atividades esportivas foi ainda mais lenta, pois o início do século XX foi um período sociocultural extremamente conservador no Brasil, não permitindo as mulheres grandes projeções, sendo criadas para serem boas esposas e mães (GOELLNER, 2004).

Nesse contexto, que em 1932 participa dos Jogos Olímpicos de Los Angeles a nadadora Maria Lenk, primeira Brasileira e também mulher sul-americana a participar de uma olimpíada. Ainda que as mulheres brasileiras não tenham começado a praticar esportes apenas a partir desta Olimpíada, “a inserção feminina nas competições nacional e internacional foi

fundamental para divulgação da imagem da mulher atleta” (GOELLNER, 2004). Segundo Goellner (2004):

Não há dúvidas, entretanto, que será nas primeiras décadas do século XX que acontecerá uma maior inserção das mulheres no campo do esporte, seja nas dimensões do lazer como da educação escolar e da competição. É nesse período, também, que a ginástica adquire importância na escola como uma forma de educação do corpo feminino (GOELLNER, 2004, p.44).

No entanto, o estereótipo da mulher mãe ainda era muito presente, mesmo em um momento onde a mulher estava conquistando seu espaço socialmente. Assim, “mais uma vez temos o esporte como uma tela onde se projetam os valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e também suas peculiaridades sociais” (RUBIO; SIMOES, 1999).

Na década de 40 o saber médico ganha força, conforme aponta Silva e Fontoura (2011) a retórica médica estabelecia um compilado de “verdades” sobre os corpos femininos, seus usos higiênicos, eugênicos e morais, regulamentando suas ações em todas as esferas da vida. Ou seja, “o fortalecimento do corpo feminino através da exercitação física era visto como uma maneira de melhor preparar as mulheres para a condução de uma boa maternidade” (GOELLNER, 2005).

Esse pensamento, segundo Castellani (1994), foi reforçado e efetivado ao longo dos anos via documento legais, como o Decreto-Lei Nº 3199 – 14/04/41 que restringia a prática de desportos incompatíveis com a “natureza” da mulher. Esportes como o futebol, judô, halterofilismo, rugby, entre outros foram proibidos. Ou seja, explicitando que a mulher além de um ser feito exclusivamente para procriar, ainda era um ser fraco e incapaz de praticar esportes que julgavam ter características essencialmente masculinas.

Sendo uma ideia que se reproduz até hoje por meio de estereótipos, assim como afirma Melo e Giovani (2004), certos esportes acabam, de uma maneira geral, sendo classificados como masculinos (por exemplo: hóquei, futebol, halterofilismo) ou femininas (por exemplo: ginástica rítmica, nado sincronizado, dança, patinação). Assim como afirma Giovani (2002):

Desportos com predomínio de características instrumentais (força, agressividade, violência etc.), quando praticados por mulheres e desportos com predomínio de características expressivas (leveza, suavidade, delicadeza etc.), quando praticados por homens, desencadeiam a aplicação de estereótipos sexuais. Isto porque as características do desporto versus sexo do praticante contrariam a desejabilidade social que se coaduna com as construções sociais de masculinidade e feminilidade (GIOVANI, 2002, p.28).

Com relação ao corpo das mulheres, “o aumento excessivo de massa muscular era indesejado, pois era considerado destituído de graça e harmonia, além de estarem relacionados a certas características viris que questionam a beleza e feminilidade da mulher” (SILVA; FONTOURA, 2011).

Ou seja, padrões de feminilidade que na verdade se mantinham, e de certa forma ainda se mantém, como características naturais da mulher, assim afirma Silva e Fontoura (2011): a sensibilidade, ingenuidade, passividade, de instinto maternal, física e moralmente frágil. Então, as atividades esportivas tinham que ser coerentes, não só quanto aos aspectos físicos, mas também emocionais das mesmas.

Um exemplo é o futebol feminino no Brasil que “pouco promove o consumo por estar histórica e culturalmente vinculado aos preconceitos de gênero, que durante muitos anos afastou mulheres do futebol, e exigiu perseverança daquelas que nesse espaço buscavam permanecer” (SALVINI; JUNIOR, 2016). As jogadoras, segundo Salvini e Junior (2016), são incentivadas pelos clubes e patrocinadores a se apresentarem de maneira mais próxima à normatividade do gênero feminino, dentro e fora dos gramados. Então, aproximando as mesmas do padrão consumido pela sociedade patriarcal.

Além de que, de acordo com Souza, Capraro e Jensen (2017), o futebol feminino é extremamente comparado à prática masculina, o sucesso das mulheres nesse esporte depende de uma aproximação bem-sucedida com o futebol jogado por homens. Deixando de ser levado em consideração que foi uma modalidade que esperou até a década de 90 para experimentar ver os campos ocupados não apenas por homens (RUBIO; SIMÕES1999).

Em meio a representações e padrões impostos às mulheres, que elas vão conquistando espaço de modalidade por modalidade. Porém, isso representa apenas uma parte dos discursos sobre gênero que se espelha no esporte, sendo uma engrenagem maior e mais complexa presentes em todas as esferas sociais (RUBIO; SIMÕES, 1999). Passando de uma Era para outra, o discurso da exclusão/discriminação da mulher no mundo dos esportes, foi do político para o biológico e se mantém no discurso da heterossexualidade como fator principal, mais do que a performance das mesmas.

Segundo Rubio e Simões (1999), apesar da presença da mulher em ambientes esportivos servirem como referência de liberdade, igualdade e apropriação de seus corpos para outras mulheres, não há uma conclusão de que esse movimento no esporte possa ter contribuído para a derrubada de estereótipos de feminilidade.

#### 4. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, que de acordo com Gil (2008) esse tipo de pesquisa tem como objetivo primordial a descrição de características de determinada população ou fenômeno, e ainda tem como característica a utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados. Tendo como base o objetivo proposto no início do trabalho, esse estudo se deu a partir de uma abordagem mista, sendo essa abordagem definida segundo Creswell e Plano Clark (2011), como um procedimento de coleta, análise e combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em um mesmo desenho de pesquisa.

A seleção da amostra foi do tipo não-probabilística, por conveniência, sendo composta por mulheres participantes de diferentes modalidades esportivas. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário semi-aberto contendo 17 questões de múltiplas escolhas e questões abertas (anexo 1), realizada com 50 atletas do sexo feminino, entre 18 e 50 anos, de diferentes modalidades esportivas.

Para o tratamento da coleta de dados foi feita uma análise estatística e interpretativa das respostas do questionário utilizado. Este estudo foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa e Ensino da UFAL (Sistema CEPCONEP) da Plataforma Brasil e aprovado pelo parecer consubstanciado de número 4.408.614.

#### 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No presente estudo apresentamos uma análise histórica da inserção da mulher no esporte e os inúmeros estereótipos de gênero que as acompanharam ao longo dos anos. Com o intuito de descrever, refletir e responder a pergunta do nosso problema inicial: Atualmente mulheres esportistas sentem, em algum nível, que sofrem com os estereótipos historicamente impostos as mesmas? Quais são eles? De que forma se apresentam?

A amostra composta por atletas de diferentes modalidades esportivas pode ser observada na tabela 1, tendo a distribuição em frequência absoluta e frequência relativa por modalidade.

**Tabela 1:** Frequência absoluta e relativa por modalidade

Modalidade	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Corrida	17	34
Triathlon	10	20
Natação	8	16

Voleibol	8	16
Handebol	4	8
Jiu-jitsu	1	2
Judô	1	2
Basquete	1	2
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

A percepção das mesmas acerca do comportamento feminino foi investigada e segundo a pesquisa 42% das mulheres acreditam que existem padrões “naturais” de comportamento feminino, 26% respondeu que talvez, 26% acreditam que não e 6% das mulheres não soube responder. Quando solicitado para apontar esses padrões de comportamento, os que mais apareceram foi: “sensível”, “delicada”, “maternal” e “estar sempre bela”. No entanto, quando foi perguntado se em âmbito social reconheciam estereótipos como “sensível”, “ingênua”, “passiva” e “maternal por natureza”, 92% das mulheres afirmaram reconhece-los socialmente. Sobre a presença dos mesmos em suas vidas, 67% das mulheres relataram já ter percebido principalmente aqueles relacionados com a maternidade. Os ciclos sociais onde estes estereótipos mais se apresentam foram, para a maioria, no trabalho e na família.

Nos esportes, quando perguntado se percebiam estereótipos sociais relacionados à mulher em sua modalidade, 64% das mulheres relataram perceber. Dentre os estereótipos citados por elas, os que mais apareceram foi “mulher sexo frágil” e “sensível”. Já em relação a outras modalidades, 82% das mulheres apontaram perceber estereótipos de feminilidade.

Em relação a episódios de preconceito e discriminação em sua modalidade, por questões relacionadas ao gênero, 50% das mulheres afirmou já ter sofrido. No entanto, em relação a episódios de preconceito com outras atletas, 78% afirmaram já ter presenciado, seja pessoalmente, por jornais ou televisão. Sobre a percepção das mesmas acerca dos estereótipos de gênero no esporte, 76% das mulheres acreditam que eles dificultam e/ou impedem que a mulher participe do cenário esportivo de forma plena.

Sobre o incentivo à prática esportiva atualmente, 88% das mulheres acreditam não ser igual para homens e mulheres, sejam incentivos governamentais, das instituições de práticas esportivas, federações, confederações, empresas e família.

Apesar dos estereótipos sociais, 60% das mulheres disseram que os mesmos não interferiram e, atualmente, não interferem em suas realizações esportivas. Porém, tiveram

duas justificativas mais presentes: a primeira de que isso não interferiu pois precisaram superar essa barreira para continuar no esporte e a segunda de que enxergam os estereótipos como algo natural.

Já 40% das mulheres relataram que os estereótipos de gênero no esporte já interferiram e, em algum nível ainda interferem em suas realizações esportivas. Dos problemas mais citados estão os relacionados à sexualidade das atletas, a suposta fragilidade do corpo feminino, diferença de incentivo na esfera pública e privada, conquistas inferiorizadas, esquecimento e desvalorização do esporte feminino.

Podemos perceber com o presente estudo o que também constatou Pierro (2007), em um primeiro momento, no esporte, as mulheres ansiavam certa aprovação familiar e social, mas depois passaram a buscar seus próprios desejos, recusando estereótipos de feminilidade e buscando através de posturas firmes e competitivas a valorização e o respeito nesse meio. Assim como citado pelas atletas nessa pesquisa onde se intitulam “guerreiras” e “vencedoras” por conseguirem passar por tantos obstáculos.

Porém, ainda segundo Pierro (2007), muitas mulheres brasileiras continuam fora da prática esportiva porque nossa cultura ainda prega que a força, resistência, e competição são aspectos do homem. Assim como foi identificado, no estudo de MELO GF *et al.* (2018), em que modalidades que privilegiam a beleza, harmonia e estética tendem a ser consideradas como mais femininas, enquanto modalidades que privilegiam aspectos de força, velocidade e perigo tendem a ser consideradas mais masculinas.

No estudo de Souza e Knijnik (2007), em que analisou a cobertura da Folha de São Paulo de esportes masculinos e femininos, identificou que os homens constantemente tinham narradas as suas habilidades como atletas, já as reportagens sobre mulheres atletas costumam enfatizar sua feminilidade e beleza. Estereótipos estes que ganham ainda mais voz pela mídia, se reproduzindo socialmente e se mantendo presente no cotidiano das próprias praticantes na atualidade, segundo os resultados desta pesquisa.

Mulheres atletas são consideradas muitas vezes masculinizadas, não apenas por seu corpo delineado, forte e com músculos, mas também pelas características psicológicas que carregam como, a determinação, a persistência, a busca de superação e o controle da dor (PIERRO, 2007). Corroborando para os achados no presente estudo, onde os estereótipos de gênero que mais se fazem presentes na vida das praticantes são aqueles relacionados à suposta fragilidade e sensibilidade feminina.

As consequências destes estereótipos são recorrentes episódios de preconceito e discriminação relacionados à mulher atleta, levando ao que identificou Melo, Giovani, Troccoli (2004) em sua pesquisa, onde essa visão estereotipada acaba exercendo uma forte influencia sobre meninas e adolescentes, principalmente na transição entre aprendizagem e aperfeiçoamento de um desporto sendo, talvez, uma das causas do abandono desportivo tão frequente entre adolescentes em início de carreira atlética.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo aqui apresentados demonstraram uma inegável, legítima e forte conquista feminina de acesso ao esporte ao longo dos anos, de modalidade a modalidade. Sendo até difícil atualmente ver uma modalidade em que nela não tenha uma figura feminina, mesmo aquelas consideradas essencialmente masculinas. Porém, segundo nossa pesquisa de campo, identificamos que essa trajetória, não só foi como ainda é marcada por dificuldades, preconceitos e desvalorização em consequência dos estereótipos sociais que são constantemente reproduzidos e passados de geração por geração. Demonstrando que as atletas sentem, em algum nível, que sofrem com os estereótipos historicamente impostos as mesmas, onde foram verificados padrões históricos que reprimem as mulheres esportistas (usando suposta fragilidade, delicadeza e a maternidade) e, subjetivamente, como as participantes do estudo se veem no cenário atual (fortes, guerreiras e independentes).

Acreditamos que os achados no presente estudo virão a contribuir para futuras pesquisas sobre desigualdade de gênero no esporte, servindo como fonte de mensuração de estereótipos de gênero no esporte, na busca de um melhor entendimento sobre o ser mulher na instituição esporte. Pois, apesar da maior parte das mulheres da nossa pesquisa (60%) terem respondido que o seu gênero não interferiu e nem interfere em suas realizações esportivas - não pela inexistência de obstáculos e sim pela força de vontade individual e atualmente uma condição social favorável que lhes permite - ainda existe uma parcela significativa (40%) afirmando que, de certa forma, funcionam como instrumentos opressores da liberdade feminina. Será que esse não é também um dos motivos que fazem uma grande parte do público feminino desistir da prática dos esportes e atualmente ainda serem um número pequeno em relação aos homens? Sendo necessários mais estudos para compreensão dessa problemática.

A análise histórica da inserção da mulher no esporte realizado em nosso estudo, juntamente com a pesquisa de campo com atletas de várias modalidades trouxeram reflexões e perspectivas diferentes, mas que culminaram em uma resposta clara e concisa: não existe ainda igualdade de gênero no esporte e os estereótipos sociais interiorizados nesse meio dificultam esse processo. No entanto, uma certeza: enquanto cidadãos e Profissionais de Educação física, precisamos estar constantemente atentos, lendo, escrevendo, discutindo, praticando e lutando por uma participação plena e justa na sociedade e no ambiente esportivo, independentemente do aparelho genital, gênero, etnia, religião e de todo e qualquer estereótipo que segrega e discrimina.

## 7. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Soraia. JUDO FEMININO: RELATO DE UMA HISTÓRIA. **III FÓRUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 69-71, out./2004.

CAMARGO, Julieta Furtado; WERLE, Verônica; SARAIVA, Maria do Carmo. HISTÓRIA DAS MULHERES NOS ESPORTES E NA EDUCAÇÃO FÍSICA: mapeando produções científicas de 2000 a 2008. **Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, Santa Catarina, 23 ago. 2010.

CAMPAGNOLI, A. D. F. P. F. *et al.* A MULHER, SEU ESPAÇO E SUA MISSÃO NA SOCIEDADE: ANÁLISE CRÍTICA DAS DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 127-153, fev./2003.

CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo Toni. A POSIÇÃO DA MULHER EM DIFERENTES ÉPOCAS E A HERANÇA SOCIAL DO MACHISMO NO BRASIL. **Psicologia**, RIO GRANDE DO SUL, v. 1, n. 1, p. 1-8, jul./2017.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Efetivo de atletas brasileiros nas olimpíadas. Estatística fornecida pela biblioteca do COB em 18 de dezembro de 2020.

CONVENÇÃO UNESCO, 1979, Nova York, Nações Unidas. Sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher, 1998, 10 p.

CRESWELL, J. W.; PLANO-CLARK, V. L. Pesquisa de métodos mistos. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

D'AMORIM, Maria Alice. ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E ATITUDES ACERCA DA SEXUALIDADE EM ESTUDOS SOBRE JOVENS BRASILEIROS. **Temas em psicologia**, Universidade Gama Filho, v. 1, n. 3, p. 121-134, nov./1997.

**DECLARAÇÃO UNIVERSAL DO DIREITO DAS MULHERES**, ONU, 1979.

FILHO, Lino Castellani. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. 1. ed. Rio de Janeiro: Papyrus Editora, 1994. p. 1-228.

FILHO, M. A. T; RUBIO, Katia. As identidades da atleta brasileira: os "pontos de apego temporários" da mulher na vida esportiva. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 255-275, jun./2012.

GALETT, C. C. H. Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. **Universidade Federal Rural de Pernambuco**, Recife, v. 1, n. 1, p. 2196-2210, nov./2014.

Giavoni, A. (2002). Estereótipos sexuais aplicados a nadadoras. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, 10(2), 27-32.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GOELLNER SV. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**. 2006; 1: 85-100.

GOELLNER SV. Mulher, olimpismo e desempenho. **III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades**. Universidade de São Paulo – USP, 2004.

GOELLNER SV. Mulheres e futebol: entra sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física**. 2005; 2: 143-51.

GOMES, Paula Botelho. MULHERES E DESPORTO: QUAL A AGENDA PEDAGÓGICA DO SÉCULO XXI?. **III FÓRUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 17-28, out./2004.

HILLEBRAND *et al.* Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **PSICO**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 425-430, dez./2008.

IBGE. (org.). **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 38. ed. Rio de Janeiro: Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018. 12 p.

LESSA, Patrícia. MULHERES, CORPO E ESPORTES EM UMA PERSPECTIVA FEMINISTA. **Motrivivência**, n. 24, p. 157-172, jun. 2005.

MELO GF, SILVA WR, SILVA AA, FOMIGA N, BRINGEL DA, CARDOSO FL. Cultura de gênero (CG) dos esportes no Brasil a partir do entendimento de universitários. **R. bras. Ci. e Mov** 2018;26(4):124-132.

MELO, G. F. D; GIAVONI, Adriana. Estereótipos de Gênero Aplicados a Mulheres Atletas. **Psicologia** , Águas Claras , v. 20, n. 3, p. 251-256, dez./2004.

MELOI, G. F. D; GIAVONII, Adriana; TRÓCCOLIII, Bartholomeu Torres. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 251-256, dez./2004.

MORAES, Enny Vieira. O MUSEU DO FUTEBOL E UMA HISTÓRIA PARCIAL: OU NÃO HÁ FUTEBOL FEMININO NO BRASIL?. **Revista de História do Esporte**, São Paulo , v. 2, n. 1, p. 1-5, abr./2009.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H.l.; TUBINO, Manoel J.g.. A inserção histórica da mulher no esporte. **R. bras. Ci. e Mov.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 117-125, jul./2008.

PERES, Waldir Pagan. ATIVIDADE OLÍMPICA, PODER, COMPORTAMENTO, SEXO, IMAGEM CORPORAL. **III FÓRUM DE DEBATE SOBRE MULHER & ESPORTE**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 53-56, out./2004.

PIERRO, Carla Di. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-22, dez./2007.

ROMARIZ, S. B. D; DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. Resenha Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos.. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 207-216, dez./2007.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas : a conquista do espaço esportivo pela mulheres . **Movimento** , São Paulo, v. 5, n. 11, p. 50-56, fev./1999.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311, jun./2016.

SANTOS, Á. R. S. D. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELAÇÕES DE GÊNERO: das teorias do conhecimento às metodologias de ensino. **UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**, Recife , v. 1, n. 1, p. 1-93, fev./2017.

SILVA, M. M. E; FONTOURA, Mariana Purcote. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, SÃO PAULO, v. 25, n. 2, p. 75-263, jun./2011.

SOUSA, Itamar De. A MULHER NA IDADE MÉDIA: a metamorfose de um status. **Revista da FARN**, Natal, v. 3, n. 1, p. 159-173, jul./2004.

SOUZA, J. S. S; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, mar./2007.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, jan. 2007.

SOUZA, M. T. O; CAPRARO, André Mendes; JENSEN, Larissa. "Olhos masculinos nascidos para a contemplação do belo": a relação entre esporte e mulher na crônica esportiva brasileira. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 355-361, dez./2017.

TUBINO; MJG. **500 anos de legislação esportiva brasileira**: do Brasil colônia ao início do século XXI. Rio de Janeiro (RJ): Shape; 2002.

VALPORTO O. **Atleta substantivo feminino**: Vinte mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro (RJ): Casa da Palavra; 2006.

VIEIRA, G. D. M. A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO. **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**, RIO DE JANEIRO, v. 1, n. 1, p. 1-79, nov./2016.

## 8. ANEXOS

### 8.1 Questionário estereótipos de gênero do esporte

# Instrumento para identificar Estereótipos de gênero no esporte

\*Obrigatório

#### 1. Endereço de e-mail \*

---

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa: Uma perspectiva histórica dos estereótipos sociais impostos às mulheres que refletem nos esportes, da estudante Lawinya Assiria Amorim Costa sob orientação do Prof.º Dr. Paulo Sérgio Bereoff. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a identificar quais os estereótipos sociais foram historicamente introjetados na Educação física e nos esportes.
2. A importância deste estudo é a de compreender qual é a atual percepção das mulheres em relação aos estereótipos sociais e de que forma os mesmos impedem que elas participem do cenário esportivo de forma plena.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Estereótipos sociais impostos às mulheres e quais são introjetados no mundo dos esportes, por meio de um questionário semi-estruturado.
4. A coleta de dados começará em 16 de novembro de 2020 e terminará em 20 de novembro de 2020.
5. O estudo será feito da seguinte maneira: aplicação de questionário semi-estruturado composto por 17 perguntas.
6. A sua participação será na seguinte etapa: coleta de dados. Inicialmente será feito contato/convite direto através de aplicativo de mensagem instantânea, no qual será enviado um questionário através da plataforma Google formulário para leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em seguida responder o questionário sobre a possível existência de estereótipos femininos no esporte.
7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: Desconforto pelo tempo exigido para as respostas. Para evitar esse risco serão explicados com antecedência aos participantes da pesquisa como serão realizadas as etapas da coleta.
8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: ter acesso à informação sobre sua percepção atual sobre estereótipos sociais que refletem no esporte e o que isso representa em relação a outras atletas, por meio de um relatório de resultados que será enviado para o e-mail de todas as atletas voluntárias.
9. Você poderá contar com a seguinte assistência: Esclarecer possíveis dúvidas durante a aplicação do questionário e entrevista, ou cancelar sua participação na pesquisa, sendo responsável por ela: Lawinya Assiria Amorim Costa.
10. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.
13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.
14. Você será indenizado (a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).
15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

16. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa

<https://docs.google.com/forms/d/13upjrs0qCveUzP3nwSqyLGBw9VgJ9F9a2QqTspEVXOg/edit>

30/11/2020

Instrumento para identificar Estereótipos de gênero no esporte

para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

Eu tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

2. Você aceita participar da pesquisa ? \*

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Questionário

Este questionário é sobre como você percebe e se sente em relação aos estereótipos e estigmas sociais relacionados à mulher e se você consegue identifica-los, em algum nível, no esporte em que pratica. Como também a sua percepção geral sobre as questões de gênero relacionadas às mulheres em outros esportes, próximas a você ou não. Por favor responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha. Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, experiências e preocupações.

3. Nome \*

---

4. Modalidade \*

---

5. Tempo na modalidade \*

---

## 6. Nível \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Amador  
 Profissional

## 7. Faixa etária \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Até 18 anos  
 Entre 19 e 24 anos  
 Entre 25 e 30 anos  
 Entre 31 e 35 anos  
 Entre 36 e 40 anos  
 Entre 41 e 50 anos  
 Acima de 50 anos

## 8. Nível de escolaridade: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino fundamental incompleto  
 Ensino fundamental completo  
 Ensino Médio incompleto  
 Ensino Médio completo  
 Ensino Superior incompleto  
 Ensino Superior completo  
 Pós-graduação incompleta  
 Pós-graduação completa

30/11/2020

Instrumento para identificar Estereótipos de gênero no esporte

9. 7- Você acredita que existem padrões naturais de comportamento feminino? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Talvez  
 Não sei  
 Não

10. Caso tenha respondido "SIM" na pergunta acima, qual/is esses padrões naturais de comportamento feminino ?

---

---

---

---

---

11. 8- Você consegue perceber, no âmbito social, a existência de estereótipos relacionados à mulher? (Ex.: sensível, ingênua, passiva, dócil, maternal, frágil etc.) \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Talvez  
 Não sei  
 Não

12. Caso tenha respondido "SIM" na pergunta acima, qual/ís os estereótipos percebidos socialmente?

---

---

---

---

---

13. 9- "Mulher um ser frágil, sentimental, rainha do lar, maternal por natureza, doce, delicada e feminina". Dentre esses estereótipos sociais, você consegue perceber ou já percebeu a presença dos mesmos na sua vida? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Talvez  
 Não sei  
 Não

14. Caso tenha respondido "SIM" na pergunta acima, qual/ís destes estereótipos foram ou são percebidos na sua vida?

---

---

---

---

---

30/11/2020

Instrumento para identificar Estereótipos de gênero no esporte

15. 10- Você acredita que existem estereótipos sociais presentes em algum ciclo social do qual você faz parte? ( Ex.: Trabalho, família, escola/universidade, instituição esportiva) \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

16. Caso tenha respondido "SIM" na pergunta acima, qual/ís estereótipos são presentes nos ciclos sociais em que faz parte ?

---

---

---

---

---

17. 11- Você consegue perceber estereótipos sociais em relação a mulher presentes na sua modalidade esportiva? (Ex.: sensível, ingênua, passiva, dócil, maternal, frágil etc.) \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

18. Caso tenha respondido "SIM" na pergunta acima, qual/ís estereótipos são presentes na sua modalidade esportiva ?

---

---

---

---

---

19. 12- Você consegue perceber estereótipos sociais em relação a mulher presentes em outras modalidades? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

20. Caso tenha respondido "SIM" na pergunta acima, qual/s estereótipos presentes em outras modalidades ?

---

---

---

---

---

21. 13- Você já sofreu ou algum tipo de preconceito ou discriminação na sua modalidade por questões relacionadas ao gênero? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

22. Você já viu alguma atleta sofrer algum tipo de discriminação ou preconceito em sua modalidade por questões relacionadas ao gênero (Em competições, na Tv, jornal e etc.) ? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

20/11/2020

Instrumento para identificar Estereótipos de gênero no esporte

23. Você acredita que os estereótipos de gênero relacionados a mulher, de alguma forma, dificultam/impedem que as mesmas participem no cenário esportivo no geral de forma plena? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Talvez  
 Não sei  
 Não

24. 16- Você acredita que atualmente há um mesmo incentivo - governamental, das instituições de práticas esportivas, federações, confederações, empresas, família e etc - para homens e mulheres no âmbito esportivo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Talvez  
 Não sei  
 Não

25. Os estereótipos sociais relacionados à mulher, já interferiram/interfere em suas realizações esportivas? Comente. \*

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

## 8.2 Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS IMPOSTOS AS MULHERES QUE REFLETEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA E NOS ESPORTES

**Pesquisador:** PAULO SERGIO BEREOFF

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 37617520.1.0000.5013

**Instituição Proponente:** Instituto de Educação Física e Esporte

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.408.614

**Apresentação do Projeto:**

O presente trabalho tem como objetivo identificar quais os estereótipos sociais foram historicamente introjetados na Educação física e nos esportes para que estes assumissem papéis de instrumentos controladores e formadores do comportamento feminino. A amostra será composta por mulheres esportistas e profissionais de Educação física com faixa etária entre 18 e 50 anos de diferentes modalidades esportivas. Para a coleta de dados será utilizado um questionário semiaberto, levantando os estereótipos e como são sentidos pelas mesmas. A inserção histórica da mulher nos esportes e na Educação física ocorreu com muita dificuldade e ainda existem resquícios desse passado que impedem que a mulher participe do cenário esportivo de forma plena, sendo necessário estudos recentes, como este, que busquem a compreensão dessa problemática.

**Objetivo da Pesquisa:**

Identificar quais estereótipos sociais foram historicamente introjetados na Educação Física e nos esportes, para poder verificar se há uma percepção de que eles interferem e funcionam como instrumentos opressores da liberdade feminina.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com os pesquisadores:

\*RISCOS:

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900  
**UF:** AL **Município:** MACEIO  
**Telefone:** (82)3214-1041 **E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.408.614

Desconforto pelo tempo exigido para as respostas. Para evitar esse risco serão explicados com antecedência aos participantes da pesquisa como serão realizadas as etapas da coleta.

**BENEFÍCIOS:**

Os participantes poderão ter acesso a informações sobre os diferentes estereótipos que dificultaram a inserção da mulher no esporte e a percepção atual das mesmas."

Os riscos são pequenos, e os benefícios apontam a justificativa de realização da pesquisa, de acordo com o item III.1 b) da resolução CNS 466/12, bem como o princípio da beneficência.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa irá aplicar um questionário com perguntas objetivas e subjetivas, se caracterizando como um instrumento misto, com a finalidade de identificar a percepção de estereótipos presentes no cotidiano das mulheres no esporte. O questionário não traz perguntas que viam a trazer constrangimento ou potencializar riscos às dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual dos participantes. O objetivo da pesquisa pode ser alcançado com base na metodologia proposta.

As solicitações de esclarecimento e inclusão de informações foram todas acatadas pelos pesquisadores, e estão de acordo, dirimindo os possíveis óbices éticos observados.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termos de apresentação obrigatória em ordem.

**Recomendações:**

Retificar novamente o cronograma para o início das coletas de dados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1 – Os pesquisadores não descrevem como será feito o contato e convite a participar para as voluntárias. Sendo assim, solicita-se a descrição de como as voluntárias serão abordadas e convidadas a participar do estudo, de maneira que fique claro o respeito ao princípio da autonomia e que fique claro que será dada a garantia da recusa ou aceite sem que caracterize situação de constrangimento ou mesmo coercitiva para os participantes voluntários do estudo,

Resposta: "Em decorrência da pandemia causada pelo novo coronavírus, os ambientes esportivos sofreram alterações em seu funcionamento, portanto seguindo recomendações dos órgãos de saúde, o contato com as possíveis voluntárias da pesquisa será realizado através de aplicativo de

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900  
**UF:** AL **Município:** MACEIO  
**Telefone:** (82)3214-1041 **E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 4.405.614

mensagem instantânea por meio de contato direto com as atletas, no qual será enviado o questionário através do Google formulário que contará em sua primeira página o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Caso as voluntárias aceitem participar da pesquisa, deverão confirmar no prazo de 48h, caso não ocorra a confirmação ficará subentendido que a mesma não deseja participar da pesquisa, não havendo a necessidade de responder sobre a sua não participação, evitando assim qualquer forma de constrangimento. Vale ressaltar que as participantes que aceitarem também poderão desistir a qualquer momento sem a necessidade de justificativas."

Parecer do CEP: Pendência ATENDIDA.

2 - Os pesquisadores não trazem informações sobre como e onde será realizada a aplicação do questionário. Solicita-se a inclusão de informações sobre em que ambiente o questionário será aplicado, quais as condições, sempre considerando os princípios éticos da autonomia e não-maleficência. Considerando as restrições impostas pela pandemia provocada pelo novo coronavírus, sugere-se considerar a aplicação do questionário e assinatura do TCLE de maneira digital. Contudo, outras alternativas são possíveis, desde que se respeita as medidas de biossegurança adequadas diante da pandemia.

Resposta: "Em decorrência da pandemia causada pelo novo coronavírus, os ambientes esportivos sofreram alterações em seu funcionamento, portanto seguindo recomendações dos órgãos de saúde, o contato com as possíveis voluntárias da pesquisa será realizado através de aplicativo de mensagem instantânea por meio de contato direto com as atletas, no qual será enviado o questionário através do Google formulário que contará em sua primeira página o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido."

Parecer do CEP: Pendência ATENDIDA.

3 - Dentre os benefícios citados no projeto e no TCLE, os pesquisadores citam o "acesso a informações sobre os diferentes estereótipos que dificultaram a inserção da mulher no esporte e a percepção atual das mesmas". Solicita-se que seja descrito como essas informações serão fornecidas para as voluntárias que aceitarem participar do estudo (e.g. em forma de relatório dos resultados, em forma de palestra, folheto, brochura informativo contendo informações nesse sentido, etc.). A decisão da forma como o benefício será proporcionado é dos pesquisadores, porém atenta-se para a necessidade do respeito aos princípios éticos de autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça. Solicita-se adequações sobre essas informações no TCLE e projeto completo.

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.408.614

Resposta no projeto: "As participantes poderão ter acesso a informações sobre os diferentes estereótipos que dificultaram a inserção da mulher no esporte e a percepção atual das mesmas, por meio de um relatório de resultados que será enviado para o e-mail das atletas voluntárias."

Resposta no TCLE: "Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: ter acesso à informação sobre sua percepção atual sobre estereótipos sociais que refletem no esporte e o que isso representa em relação a outras atletas, por meio de um relatório de resultados que será enviado para o e-mail de todas as atletas voluntárias."

Parecer do CEP: Pendência ATENDIDA.

4 – No TCLE, os pesquisadores apenas apontam ao participante "A sua participação será nas seguintes etapas: coleta de dados". Solicita-se detalhar ao participante como serão realizados os procedimentos da pesquisa, desde de como ele(a) será convidado a participar, o que ele(a) precisará fazer e qual a natureza das informações que serão solicitadas a ele(a), garantindo o esclarecimento de sua participação antes da solicitação de consentimento.

Resposta no TCLE: "A sua participação será na seguinte etapa: coleta de dados. Inicialmente será feito contato/convite direto através de aplicativo de mensagem instantânea, no qual será enviado um questionário através da plataforma Google formulário para leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em seguida responder o questionário sobre a possível existência de estereótipos femininos no esporte."

Parecer do CEP: Pendência ATENDIDA.

5 – Solicita-se alteração das datas de realização da coleta de dados no TCLE e no cronograma, considerando o trâmite de aprovação por este comitê, para garantir que as coletas de dados só se iniciem após a devida adequação e aprovação do projeto.

Resposta:

1. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DA ETAPA	INÍCIO	TÉRMINO
Submissão à Plataforma Brasil	22/10/2020	29/10/2020
Coleta de Dados	30/10/2020	02/11/2020
Análise dos Dados	03/11/2020	09/11/2020
Elaboração da conclusão. Revisão da introdução.	10/11/2020	15/11/2020
Reestruturação e revisão de texto e das referências.	16/11/2020	22/11/2020
Elaboração do resumo (em português e inglês)	23/11/2020	25/11/2020

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,  
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 57.072-900  
 UF: AL Município: MACEIO  
 Telefone: (82)3214-1041 E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.408.614

Elaboração dos elementos pré e pós- textuais. 26/11/2020 30/11/2020

Entrega para banca 01/12/2020 02/12/2020

Defesa pública (Data provável) 08/12/2020 11/12/2020

Entrega final 14/12/2020 18/12/2020

Parecer do CEP: Pendência ATENDIDA.

6 - Incluir no TCLE a importancia e o papel do Comite de Etica em Pesquisa e Ensino (Sistema CEP/CONEP). Texto sugerido: "Se voce tiver duvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, voce pode contatar Comite de Etica em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041. O CEP trata-se de um grupo de individuos com conhecimento cientificos que realizam a revisao etica inicial e continuada do estudo de pesquisa para mante-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP e responsavel pela avaliacao e acompanhamento dos aspectos eticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel esta baseado nas diretrizes eticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

Resposta no TCLE: "16- Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214-1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel esta baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares)."

Parecer do CEP: Pendência ATENDIDA.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo Aprovado

Prezado (a) Pesquisador (a), lembre-se que, segundo a Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016:

O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber cópia do TCLE, na íntegra, assinado e rubricado pelo (a) pesquisador (a) e pelo (a) participante, a não ser em estudo com autorização de declínio;

V.Sª. deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS**



Continuação do Parecer: 4.408.614

estudo somente após análise das razões da descontinuidade por este CEP, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata;

O CEP deve ser imediatamente informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É responsabilidade do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas a evento adverso ocorrido e enviar notificação a este CEP e, em casos pertinentes, à ANVISA;

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial;

Seus relatórios parciais e final devem ser apresentados a este CEP, inicialmente após o prazo determinado no seu cronograma e ao término do estudo. A falta de envio de, pelo menos, o relatório final da pesquisa implicará em não recebimento de um próximo protocolo de pesquisa de vossa autoria.

O cronograma previsto para a pesquisa será executado caso o projeto seja APROVADO pelo Sistema CEP/CONEP, conforme Carta Circular nº. 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS (Brasília-DF, 04 de maio de 2012).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1618449.pdf	22/10/2020 16:17:49		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_PROJETO_LAWINYA.docx	22/10/2020 16:16:11	PAULO SERGIO BEROFF	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_LAWINYA_CORRIGIDO.docx	22/10/2020 16:14:52	PAULO SERGIO BEROFF	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	LAWINYA_PROJETO_PARA_SUBMISSAO_CORRIGIDO.docx	22/10/2020 16:14:14	PAULO SERGIO BEROFF	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_CUMPRIMENTO_PUBLICIZACAO_E_DESTINACAO.JPG	09/09/2020 15:33:05	PAULO SERGIO BEROFF	Aceito
Declaração de	DECLARACAO_CUMPRIMENTO_NOR	09/09/2020	PAULO SERGIO	Aceito

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A - C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 4.408.614

Pesquisadores	AS_PUBLICIZACAO_E_DESTINACAO.doc	15:31:43	BEREOFF	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_LAWINYA_ASSIRIA.pdf	31/08/2020 10:34:07	PAULO SERGIO BEREOFF	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MACEIO, 19 de Novembro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Luciana Santana**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900  
**UF:** AL **Município:** MACEIO  
**Telefone:** (82)3214-1041 **E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

### 8.3 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa: Uma perspectiva histórica dos estereótipos sociais impostos às mulheres que refletem nos esportes, da estudante Lawinya Assíria Amorim Costa sob orientação do Prof.º Dr. Paulo Sérgio Bereoff. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina a identificar quais os estereótipos sociais foram historicamente introjetados na Educação física e nos esportes.
2. A importância deste estudo é a de compreender qual é a atual percepção das mulheres em relação aos estereótipos sociais e de que forma os mesmos impedem que elas participem do cenário esportivo de forma plena.
3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Estereótipos sociais impostos às mulheres e quais são introjetados no mundo dos esportes, por meio de um questionário semi-estruturado.
4. A coleta de dados começará em 16 de novembro de 2020 e terminará em 20 de novembro de 2020.
5. O estudo será feito da seguinte maneira: aplicação de questionário semi-estruturado composto por 17 perguntas.
6. A sua participação será na seguinte etapa: coleta de dados. Inicialmente será feito contato/convite direto através de aplicativo de mensagem instantânea, no qual será enviado um questionário através da plataforma *Google* formulário para leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em seguida responder o questionário sobre a possível existência de estereótipos femininos no esporte.
7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são: Desconforto pelo tempo exigido para as respostas. Para evitar esse risco serão explicados com antecedência aos participantes da pesquisa como serão realizadas as etapas da coleta.
8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: ter acesso à informação sobre sua percepção atual sobre estereótipos sociais que refletem no esporte e o que isso representa em relação a outras atletas, por meio de um relatório de resultados que será enviado para o e-mail de todas as atletas voluntárias.

9. Você poderá contar com a seguinte assistência: Esclarecer possíveis dúvidas durante a aplicação do questionário e entrevista, ou cancelar sua participação na pesquisa; sendo responsável por ela: Lawinya Assíria Amorim Costa.
10. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.
13. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.
14. Você será indenizado (a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).
15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.
16. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041. O CEP trata-se de um grupo de indivíduos com conhecimento científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12 e complementares).

Eu \_\_\_\_\_ tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

**Endereço da equipe da pesquisa (OBRIGATÓRIO):**

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Campus A.C. Simões, Cidade Universitária.

Complemento: BR 104- Norte, KM 97, Tabuleiro dos Martins.

Cidade/CEP: 57072970. Maceió/AL.

Telefone: (82) 3214-1873.

Ponto de referência: Hospital Universitário.

**Contato de urgência:** Sr(a). Prof.º Dr. Paulo Sérgio Bereoff

Endereço: Campus A.C. Simões, Cidade Universitária.

Complemento: BR 104- Norte, KM 97, Tabuleiro dos Martins.

Cidade/CEP: 57072970. Maceió/AL.

Telefone: (82) 3214-1873.

Ponto de referência: Hospital Universitário.

**ATENÇÃO:** *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões,  
Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)